

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda algumas curiosidades sobre Sigmund Freud, dando ênfase, de maneira fundamentada e resumida, na psicanálise, em suas teorias, passando por suas concepções e assim descrevendo os seus estágios do desenvolvimento.

Freud considera que a compreensão do comportamento exige uma investigação dos fenômenos psíquicos. Ele destaca as motivações inconscientes e o papel desempenhado pelas vivências emocionais infantis na organização da personalidade do adulto.

Para Freud o educar, ao lado do governar e do psicanalisar, era uma missão impossível.

1 SIGMUND FREUD

“Se fosse preciso concentrar numa palavra a descoberta freudiana, essa palavra seria incontestavelmente inconsciente”. (J. Laplanche e J.-B. Pontalis. *Vocabulário da Psicanálise*. p. 307.)

Sigmund Freud nasceu em 1856 na pequena cidade de Freiberg, na Morávia, atual República Checa. Seu pai, Jacob, era um modesto comerciante e sua mãe, Amália, era a terceira esposa de Jacob. Freud nasceu de uma família judaica e foi o primogênito de sete irmãos.

Quando Freud completou três anos de idade, sua família se mudou para Viena, devido ao aumento do preconceito na Morávia. A cidade de Viena proporcionava aos judeus boas perspectivas econômicas, participação política e aceitação social.

Desde pequeno Freud era brilhante nos estudos e o primeiro da classe. Devido ao seu desempenho acadêmico e por ser o preferido de sua mãe, Freud teve o privilégio de ter um quarto só para si, onde pode estudar em paz.

Em 1873, aos 17 anos, Freud ingressou na faculdade de Medicina da Universidade de Viena. Nos anos de faculdade trabalhou em um laboratório de neurofisiologia, até sua formatura, em 1881.

Em 1882, Freud conheceu e se apaixonou por Martha Bernays. Ficaram noivos secretamente até terem dinheiro suficiente para se casarem, o que veio a ocorrer quatro anos depois, em 1886, quando Freud já possuía um consultório particular. Tiveram seis filhos. A mais nova, Ana, confidente, secretária, enfermeira, discípula e porta-voz do pai, também se tornou uma eminente psicanalista.

Antes de se casarem, Freud trabalhou durante seis meses em Paris com o neurologista francês Jean-Martin Charcot. Com este, observou o uso da hipnose no

tratamento da histeria e viu estimulado seu interesse para os distúrbios mentais. Nos anos seguintes tornou-se especialista em doenças nervosas e fundamentou a teoria psicanalítica da mente.

Freud ganhou um grupo de admiradores e seguidores que se reuniam com ele semanalmente. Entre eles se encontravam Alfred Adler e Carl Jung, famosos psicanalistas que se desligaram de Freud para desenvolver suas próprias linhas. O desligamento de Jung foi muito doloroso para Freud. Eram bons amigos e Freud via em Jung a pessoa que iria continuar a transmitir seu trabalho.

A primeira Guerra Mundial teve um grande impacto em Freud e no movimento psicanalítico. O fim da guerra trouxe grandes modificações político-geográficas e os tratados foram particularmente severos com os países vencidos. Viena sofria com a fome, o frio e o desespero. As epidemias mortais voltaram, como tuberculose e gripe. Em 1920, Freud perdeu sua segunda filha, Sophie, vítima de uma epidemia. Afetado pela guerra e pela morte de sua filha, Freud escreveu "Além do Princípio do Prazer", onde reconheceu o instinto da morte.

Em 1923, Freud passou pela primeira de uma série de cirurgias para extrair um tumor no palato. A partir desse momento Freud passou a ter dificuldades para falar, sentia dores horríveis e desconforto.

Em 1930 publicou "Civilização e seus Descontentamentos", lançando um olhar pessimista e desiludido sobre a civilização moderna à beira da catástrofe.

Com a ascensão de Hitler, Freud, já velho e cansado, não desejava sair de Viena. Em 1938, quando os Nazistas entraram em Viena, Freud, sendo judeu, não teve escolha, a não ser emigrar. Freud foi com sua família para Londres, onde passou o final de sua vida.

2 OBRAS DE FREUD

Freud escreveu muitos livros importantes, alguns deles foram: Psicologia da Vida Cotidiana, Totem e Tabu, A interpretação dos sonhos, O Ego e o Id entre

outros. Neles, o “pai da psicanálise” (assim conhecido por ter inventado o termo “psicanálise” para seu método de tratar as doenças mentais) responsabilizava a repressão da sociedade daquela época, por não permitir a satisfação de alguns sentimentos, considerando-os errados do ponto de vista social e religioso.

Segundo ele, o sexo era um dos sentimentos reprimidos mais importantes. Naquela época essa afirmação gerou um grande escândalo na sociedade, entretanto, não demorou muito para que outros psicólogos, como Carl Jung, Reich e Rank aderissem à idéia de Freud.

3 A PSICANÁLISE

O termo "psicanálise" e o nome Sigmund Freud são amplamente conhecidos no mundo moderno e mantém, até hoje, um alto grau de notoriedade entre o público em geral.

Psicanálise é a ciência do inconsciente que foi construída por Sigmund Freud (1856-1939). Um método de investigação, que consiste em evidenciar o significado inconsciente das palavras, ações, produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de uma pessoa.

Este método tem base nas associações livres do indivíduo, que são a garantia da veracidade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode ampliar-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres. A psicanálise é um método psicoterápico baseado nesta investigação e especificado pela interpretação controlada da resistência, transferência e desejo. O emprego da psicanálise como tratamento psicanalítico está ligado a este sentido; exemplo: começar uma análise.

Enfim, a psicanálise é um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas em que são ordenados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento. A aceitação de processos psíquicos inconscientes, o reconhecimento do fundamento da resistência, do recalçamento, da consideração da sexualidade e do complexo de Édipo são os principais conteúdos

da psicanálise e os fundamentos de sua teoria, e quem não estiver em condições de apoiar todos, não deve figurar entre os psicanalistas.

4 FREUD E O COMPORTAMENTO

Freud considera que a compreensão do comportamento exige uma análise dos fenômenos psíquicos. Contudo, se a perspectiva cognitiva encara as pessoas como processadoras racionais de informação, a perspectiva psicodinâmica procura evidenciar aspectos em que a racionalidade humana falha enfatizando as motivações inconscientes e o papel desempenhado pelas vivências emocionais infantis na estruturação da personalidade do adulto.

Segundo Freud, o nosso aparelho psíquico ou estrutura da personalidade, é formado por 3 componentes ou sistemas motivacionais, também designados por instâncias do eu ou instâncias de personalidade, são elas o id, o ego e o superego.

5 TEORIAS DE FREUD

5.1 TEORIA SOBRE O APARELHO PSÍQUICO

5.1.1 INCONSCIENTE, PRÉ-CONSCIENTE E CONSCIENTE

Segundo Bock, Freud sempre se perguntou qual seria o motivo pelo qual os pacientes esquecem tantos fatos de sua vida interior e exterior.

Para Freud o esquecido era algo penoso e, exatamente, por isso que havia sido esquecido, e o penoso não significava sempre algo ruim, podia se referir a algo bom que se perdera ou que fora intensamente desejado. Quando Freud abandonou as perguntas com os pacientes e os deixou livre, observou que eles ficavam embaraçados, envergonhados com imagens que lhes ocorriam. A esta força psíquica oppositora ao consciente, Freud denominou resistência e chamou de repressão o processo psíquico que encobria, ou fazia a consciência desaparecer a algo doloroso. Estes conteúdos psíquicos localizam-se no inconsciente.

No seu livro *A interpretação dos sonhos*, Freud apresentou a primeira concepção sobre a estrutura e o funcionamento da personalidade. Essa teoria refere-se a três instâncias psíquicas, o inconsciente, o pré-consciente e o consciente.

O inconsciente exprime o conteúdo que não está presente no campo atual da consciência. O inconsciente é constituído por conteúdos reprimidos, esses conteúdos podem ter sido consciente em algum momento e sido reprimidos, isto é, foram para o inconsciente. O inconsciente é regido por leis próprias.

O pré-consciente é onde permanecem os conteúdos acessíveis à consciência. É o que não está na consciência neste momento, mas pode estar no momento seguinte.

O consciente é o que recebe, ao mesmo tempo, as informações do mundo exterior e do mundo interior. Na consciência destaca-se o fenômeno da percepção, principalmente do mundo exterior, a atenção e o raciocínio.

5.1.2 A SEXUALIDADE INFANTIL

Freud em seus estudos descobriu que a maioria dos pensamentos e desejos reprimidos referia-se a conflitos de ordem sexual, ocorridos nos primeiros anos de vida dos indivíduos, ou seja, Freud dizia que as experiências traumáticas, reprimidas se caracterizavam na vida infantil, deixando marcas profundas na estruturação das pessoas.

Os principais aspectos destas descobertas são de que a função sexual existe desde o princípio da vida e que o período de desenvolvimento da sexualidade é longo e complexo até chegar à vida adulta e que a libido, segundo Freud, é “a energia dos instintos sexuais e só deles”.

O indivíduo nos primeiros tempos de vida tem a função sexual ligada à sobrevivência e o prazer é encontrado no próprio corpo. Este é erotizado havendo

um desenvolvimento progressivo, o que levou Freud a postular as fases do desenvolvimento sexual em oral, anal, fálica e período de latência.

5.1.2.1 FASES DO DESENVOLVIMENTO SEXUAL

Segundo a psicóloga Débora Quetti Marques de Souza, do Núcleo de Pesquisas e Estudos Acadêmicos – NUPEA, os estudos relacionados à afetividade são imprescindíveis para o desenvolvimento infantil, pois nos ajuda a compreender todas as fases pelas quais as crianças passam na sua infância. Freud foi um grande estudioso que apontou em seus escritos a existência da sexualidade na infância através das fases de desenvolvimento psicosssexuais. As fases estabelecidas por Freud são importantes para a formação da personalidade humana. Nestas, o indivíduo encontra prazer no próprio corpo, pois nos primeiros anos de vida a função sexual está intimamente ligada à sobrevivência, são elas:

Fase Oral: ocorre entre os primeiros anos de vida (0 a 2 anos). Neste período, o prazer da criança se concentra na boca e nos atos de sugar e morder. Muitos adultos têm características que estão associadas à fase oral como os fumantes, pessoas que costumam comer demais ou falar demais.

Fase Anal: entre dois e quatro anos de idade, as crianças conseguem controlar as atividades fisiológicas e esse controle gera uma nova fonte de prazer. Nessa fase, onde a zona de prazer é o ânus, a criança vai passando de uma posição passiva e receptiva para uma posição ativa. Algumas características adultas se encontram associadas a essa fase como a ordem, a parcimônia e a obstinação.

Fase Fálica: ocorre dos 3 aos 5 anos de idade. É a fase que focaliza as áreas genitais do corpo. Nesse período as crianças começam a descobrir as diferenças genitais. Freud assinala que durante essa fase a criança passa pela ameaça de castração determinada por ele como “Complexo de Édipo”.

Período de Latência: entre os 5 e 10 anos de idade a criança não dá tanta ênfase as zonas erógenas. É como se ela se “esquecesse” dessas zonas, mas sem abandoná-las. A sexualidade fica ausente e sofre poucas modificações. Nesse período surgem

atitudes do ego como vergonha, repulsa e moralidade. Na Latência a criança está bastante interessada em aprender novas atividades, em fazer amigos, ir à escola, etc.

Fase Genital: esta é a última fase do desenvolvimento psicosssexual. É uma fase de maturidade biológica, atingida a partir puberdade e indo até a fase adulta.

Através das fases estabelecidas por Freud vemos que os vínculos afetivos fazem parte do desenvolvimento humano e tem início ainda no ambiente intra-uterino e é a partir desse período que o indivíduo inicia a construção de sua personalidade que será determinante na vida adulta.

No decorrer dessas fases, vários processos e ocorrências sucedem-se. Desses eventos, destaca-se o complexo de Édipo, pois é em torno dele que ocorre a estruturação da personalidade do indivíduo.

5.1.2.2 COMPLEXO DE ÉDIPO

Depois de ver nos seus clientes o funcionamento perfeito da estrutura tripartite da alma conforme a teoria de Platão, Freud volta à cultura grega em busca de mais elementos fundamentais para a construção de sua própria teoria.

No centro do "Id", determinando toda a vida psíquica, constatou o que chamou Complexo de Édipo, isto é, o desejo incestuoso pela mãe, e uma rivalidade com o pai. Segundo ele, é esse o desejo fundamental que organiza a totalidade da vida psíquica e determina o sentido de nossas vidas. Freud introduziu o conceito no seu livro *Interpretação dos Sonhos* (1899). O termo deriva do herói grego Édipo que, sem saber, matou seu pai e se casou com sua mãe.

Freud atribui o Complexo de Édipo às crianças de idade entre 3 e 6 anos. Ele disse que o estágio geralmente terminava quando a criança se identificava com o parente do mesmo sexo e reprimia seus instintos sexuais. Se o relacionamento prévio com os pais fosse relativamente amável e não traumático, e se a atitude parental não fosse excessivamente proibitiva nem excessivamente estimulante, o

estágio seria ultrapassado harmoniosamente. Em presença do trauma, no entanto, ocorre uma neurose infantil que é um importante precursor de reações similares na vida adulta. O Superego, o fator moral que domina a mente consciente do adulto, também tem sua parte no processo de gerar o Complexo de Édipo. Freud considerou a reação contra o complexo de Édipo a mais importante conquista social da mente humana. Psicanalistas posteriores consideram a descrição de Freud imprecisa, apesar de conter algumas verdades parciais.

O Complexo de Édipo em meninos surge pelo desejo sexual pela mãe, a criança vê o pai como ameaça e deseja se livrar dele buscando ainda se identificar com o mesmo. Em meninas, o complexo surge com o desejo de ganhar um bebê do pai e como não consegue se desilude.

O Complexo de Édipo é derrubado nos meninos pela ameaça da castração, onde pensa que perderá seu pênis. A menina acredita que a castração já ocorreu, já que não mais possui o membro, descartando assim a ameaça.

O Complexo de Édipo é um conceito fundamental para a psicanálise, entendido por esta como sendo universal e, portanto, característico de todos os seres humanos. O Complexo de Édipo caracteriza-se por sentimentos contraditórios de amor e hostilidade. Metaforicamente, este conceito é visto como amor à mãe e ódio ao pai (não que o pai seja exclusivo, pode ser qualquer outra pessoa que desvie a atenção que ela tem para com o filho), mas esta idéia permanece, apenas, porque o mundo infantil resume-se a estas figuras parentais ou aos representantes delas. Uma vez que o ser humano não pode ser concebido sem um pai ou uma mãe (ainda que nunca venha a conhecer uma destas partes ou as duas), a relação que existe nesta tríade é, segundo a psicanálise, a essência do conflito do ser humano.

A idéia central do conceito de Complexo de Édipo inicia-se na ilusão de que o bebê tem de possuir proteção e amor total, reforçado pelos cuidados intensivos que o recém nascido recebe por sua condição frágil. Esta proteção é relacionada, de maneira mais significativa, à figura materna. Em torno dos três anos, a criança começa a entrar em contato com algumas situações em que sofre interdições, facilmente exemplificadas pelas proibições que começam a acontecer nesta idade. A

criança não pode mais fazer certas coisas porque já está maior, não pode mais passar a noite inteira na cama dos pais, andar pelado pela casa ou na praia, é incentivada a sentar de forma correta e controlar o esfíncter, além de outras cobranças. Neste momento, a criança começa a perceber que não é o centro do mundo e precisa renunciar ao mundo organizado em que se encontra e também à sua ilusão de proteção e amor total.

O Complexo de Édipo é muito importante porque caracteriza a diferenciação do sujeito em relação aos pais. A criança começa a perceber que os pais pertencem a uma realidade cultural e que não podem se dedicar somente a ela porque possuem outros compromissos. A figura do pai representa a inserção da criança na cultura, é a ordem cultural. A criança também começa a perceber que o pai pertence à mãe e por isso dirige sentimentos hostis a ele.

Estes sentimentos são contraditórios porque a criança também ama esta figura que hostiliza. A diferenciação do sujeito é permeada pela identificação da criança com um dos pais. Na identificação positiva, o menino identifica-se com o pai e a menina com a mãe. O menino tem o desejo de ser forte como o pai e ao mesmo tempo tem “ódio” pelo ciúme da mãe. A menina é hostil à mãe porque ela possui o pai e ao mesmo tempo quer se parecer com ela para competir e tem medo de perder o amor da mãe, que foi sempre tão acolhedora. Na identificação negativa, o medo de perder aquele a quem hostilizamos faz com que a identificação aconteça com a figura de sexo oposto e isto pode gerar comportamentos homossexuais.

Nesta fase, a repressão ao ódio e à vontade de permanecer em “berço esplêndido” é muito forte e o sujeito desenvolve mecanismos mais racionais para sua inserção cultural.

Com o aparecimento do Complexo de Édipo, a criança sai do reinado dos impulsos e dos instintos e passa para um plano mais racional. A pessoa que não consegue fazer a passagem da ilusão de super proteção para a cultura se psicotiza.

5.2 TEORIA DO APARELHO PSÍQUICO

5.2.1 ID, EGO E SUPEREGO

5.2.1.1 OS NÍVEIS DE PERSONALIDADE

Nos primeiros trabalhos, Freud sugeria a divisão da vida mental em duas partes: consciente e inconsciente. A porção consciente, assim como a parte visível do iceberg, seria pequena e insignificante, preservando apenas uma visão superficial de toda a personalidade. A imensa e poderosa porção inconsciente - assim como a parte submersa do iceberg - conteria os instintos, ou seja, as forças propulsoras de todo comportamento humano.

Nos trabalhos posteriores, Freud reavaliou essa distinção simples entre o consciente e o inconsciente e propôs os conceitos de Id, Ego e Superego.

O "ID", grosso modo, correspondente à sua noção inicial de inconsciente, seria a parte mais primitiva e menos acessível da personalidade. (fonte de energia psíquica e o aspecto da personalidade relacionado aos instintos). Freud afirmou: "Nós chamamos de (...) um caldeirão cheio de excitações fervescentes. [O id] desconhece o julgamento de valores, o bem e o mal, a moralidade" (Freud, 1933, p. 74). As forças do id buscam a satisfação imediata sem tomar conhecimento das circunstâncias da realidade. Funcionam de acordo com o princípio do prazer, preocupadas em reduzir a tensão mediante a busca do prazer e evitando a dor. A palavra em alemão usada por Freud para id era es, que queria dizer "isso", termo sugerido pelo psicanalista Georg Grddeck, que enviara a Freud o manuscrito do seu livro intitulado *The book of it* (Isbister, 1985).

O id contém a nossa energia psíquica básica, ou a libido, e se expressa por meio da redução de tensão. Assim, agimos na tentativa de reduzir essa tensão a um nível mais tolerável. Para satisfazer às necessidades e manter um nível confortável de tensão, é necessário interagir com o mundo real. Por exemplo: as pessoas famintas devem buscar comida, caso queiram descarregar a tensão induzida pela fome. Portanto, é necessário estabelecer alguma espécie de ligação adequada entre as demandas do id e a realidade.

O ego serve como mediador, um facilitador da interação entre o id e as circunstâncias do mundo externo. O ego representa a razão ou a racionalidade, ao contrário da paixão insistente e irracional do id. (aspecto racional da personalidade responsável pelo controle dos instintos). Freud chamava o ego de ich, traduzido para o inglês como "I" ("Eu" em português). Ele não gostava da palavra ego e raramente a usava. Enquanto o id anseia cegamente e ignora a realidade, o ego tem consciência da realidade, manipula-a e, dessa forma, regula o id. O ego obedece ao princípio da realidade, refreando as demandas em busca do prazer até encontrar o objeto apropriado para satisfazer a necessidade e reduzir a tensão.

O ego não existe sem o id; ao contrário, o ego extrai sua força do id. O ego existe para ajudar o id e está constantemente lutando para satisfazer os instintos do id. Freud comparava a interação entre o ego e o id com o cavaleiro montando um cavalo que fornece energia para mover o cavaleiro pela trilha, mas a força do animal deve ser conduzida ou refreada com as rédeas, senão acaba derrotando o ego racional.

A terceira parte da estrutura da personalidade definida por Freud, o superego, desenvolve-se desde o início da vida, quando a criança assimila as regras de comportamento ensinadas pelos pais ou responsáveis mediante o sistema de recompensas e punições. (aspecto moral da personalidade, produto da internalização dos valores e padrões recebidos dos pais e da sociedade). O comportamento inadequado sujeito à punição torna-se parte da consciência da criança, uma porção do superego. O comportamento aceitável para os pais ou para o grupo social e que proporcione a recompensa torna-se parte do ego-ideal, a outra porção do superego. Dessa forma, o comportamento é determinado inicialmente pelas ações dos pais; no entanto, uma vez formado o superego, o comportamento é determinado pelo autocontrole. Nesse ponto, a pessoa administra as próprias recompensas ou punições. O termo utilizado por Freud para o superego foi über-ich, que significa literalmente "sobre-eu".

O superego representa a moralidade. Freud descreveu-o como o "defensor da luta em busca da perfeição - o superego é, resumindo, o máximo assimilado psicologicamente pelo indivíduo do que é considerado o lado superior da vida

humana" (Freud, 1933, p. 67). Observe-se então, que, obviamente, o superego estará em conflito com o id. Ao contrário do ego, que tenta adiar a satisfação do id para momentos e lugares mais adequados, o superego tenta inibir a completa satisfação do id.

Assim Freud imaginava a constante luta dentro da personalidade quando o ego é pressionado pelas forças contrárias insistentes. O ego deve tentar retardar os ímpetos agressivos e sexuais do id, perceber e manipular a realidade para aliviar a tensão resultante, e lidar com a busca do superego pela perfeição. E, quando o ego é pressionado demais, o resultado é a condição definida por Freud como ansiedade. Em outras palavras:

ID: Constitui o reservatório de energia psíquica, é onde se localizam as pulsões de vida e de morte. As características atribuídas ao sistema inconsciente. É regido pelo princípio do prazer (Psique que visa apenas o prazer do indivíduo).

EGO: É o sistema que estabelece o equilíbrio entre as exigências do id, as exigências da realidade e as ordens do superego. A verdadeira personalidade, que decide se acata as decisões do (Id) ou do (Superego).

SUPEREGO: Origina-se com o complexo do Édipo, a partir da internalização das proibições, dos limites e da autoridade. (É algo além do ego que fica sempre censurando e dizendo: Isso não está certo, não faça aquilo, não faça isso, ou seja, aquela que dói quando prejudicamos alguém, é o nosso "freio".)

6 FREUD E A EDUCAÇÃO

Freud dizia que devia se repetir, recordar para então elaborar. Segundo Kupfer a educação é um tema que acompanhou Freud por toda extensão de sua obra. Em uma de suas últimas obras disse: “educar, ao lado de governar e psicanalisar, é uma profissão impossível”.

Freud queria entender o que sente uma criança, ou por que é agressiva. Houve uma tentativa por parte do pastor suíço Oskar Pfister, amigo e colaborador de

Freud, em aproximar a Pedagogia da Psicanálise. No pensamento de Pfister, duas orientações são bastante claras: o educador deve funcionar como um analista, ao mesmo tempo em que deve lembrar de que persegue um fim moral. Propõe o uso do próprio método psicanalítico com tudo o que lhe é próprio, a interpretação, a transferência, etc. A única variante seria o casamento do método psicanalítico com a moral. Então ficou a incompatibilidade: “Como proporcionar a um aluno uma liberdade associativa, como permitir que ele fale livremente para poder ser interpretado, se essa liberdade já tem uma direção prefixada, se o fim é a moralidade bem comportada e definida de saída pelo educador modelo?”, ou ainda, “Como desejar ao mesmo tempo ouvir a manifestação livre do inconsciente e produzir seu represamento moral?”.

Para haver uma educação analítica seria necessário que a Educação renunciasse àquilo que a fundamenta, que a estrutura, que é a sua razão de ser. Precisaria deixar de ser Educação. O professor trabalha com o recalque a seu serviço enquanto o analista precisa levantá-lo ali onde o recalque está provocando uma neurose.

Sobre a aprendizagem, especificamente, não vamos encontrar nenhum texto escrito por Freud. Ele se preocupou em como livrar alguém das neuroses ou atenuá-las. No entanto Freud gostava de pensar em determinantes psíquicos que fazem alguém desejar “pensar”.

Para Freud a mola propulsora do desenvolvimento intelectual é sexual. A inteligência se apóia sobre “restos sexuais”. O campo que se estabelece entre o professor e o aluno não se focalizam nos conteúdos, mas, em psicanálise, na transferência. A transferência é uma manifestação do inconsciente, assim um professor pode tornar-se a figura a quem serão endereçados os interesses dos alunos, e o que se transfere são as experiências vividas, primitivamente, com os pais. O professor deve ser capaz, para usar a metáfora de Freud, de ensinar o catecismo aos selvagens, acreditando no que faz, com paixão mesmo, sem desconsiderar que seus selvagens, às escondidas (inconsciente), continuarão adorando seus deuses antigos. Ouvirão o que lhes convier e jogarão o resto fora, sem que isso implique em uma rebeldia perversa. O professor deve compreender que

essa rebeldia é importante para o futuro desenvolvimento intelectual de seus alunos. O encontro entre o que foi ensinado e a subjetividade de cada um é o que torna possível o pensamento renovado, a criação, a geração de novos conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer as obras de Freud pode ajudar a matar o mestre para tornar-se o mestre de si mesmo. Se o professor souber aceitar essa “canibalização” feita sobre ele e seu saber (renunciar suas próprias certezas), então estará contribuindo para uma relação de aprendizagem autêntica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999. (Capítulo 5).

KUPFER, Maria Cristina. "Freud e a Educação - O Mestre do Impossível", Editora Scipione, 3ª edição, São Paulo, 2002. -

<http://ilainehoffmann.vilabol.uol.com.br/freudedu.htm> acesso em 02/03/2012 às 08:53 horas

<http://www.psicoloucos.com/Psicanalise/complexo-de-edipo-psicanalise-de-freud.html> acesso em 23/03/2012 às 11:23 horas

<http://www.psicoloucos.com/Psicanalise/complexo-de-edipo-psicanalise-de-freud.html> acesso em 25/03/2012 às 20:50 horas

Núcleo de Pesquisas e Estudos Acadêmicos – NUPEA -
<http://cesacnupea.blogspot.com.br/2011/04/freud-e-o-desenvolvimento-afetivo-da.html> acesso em 22/03/2012 às 10:53 horas

<http://psicologiadesenvolvimento2011d.blogspot.com.br/2011/05/freud-desenvolvimento-psicossexual.html> acesso em 23/03/2012 às 09:21 horas

<http://www.psicoloucos.com/Influencias-da-Psicanalise/a-evolucao-da-psicanalise.html> acesso em 23/03/2012 às 10:33 horas

<http://www.suapesquisa.com/biografias/freud.htm> acesso em 22/03/2012 às 10:21 horas.

Fonte do artigo: 10emtudo publicado em 25/05/2004 -
http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/biografia_sigmund_freud.htm acesso em 22/03/2012 às 09:47 horas.